

“TEM JONGO, CAPOEIRA, CHARME E SAMBA”: impulsionando o turismo de experiência afrocentrado em territórios afroidentitários na cidade do Rio de Janeiro

Carolina Mara Teixeira¹

Resumo

O presente trabalho discute as formas de valorização dos espaços de pertencimento e construção dos discursos identitários da comunidade negra nos bairros de Madureira e os que compõe a Zona Portuária da cidade do Rio de Janeiro. O texto traz as relações sociais e de poder que sucederam a construção dos territórios desta pesquisa, ressaltando a presença dos sujeitos e grupos étnicos-raciais, tendo como objetivo analisar os elementos histórico-culturais e geográficos brasileiro que se incorporam na elaboração e definição de roteiros turísticos étnicos da cidade, na perspectiva de impulsionar um turismo afrocentrado através do programa Turismo de Experiência. Primeiramente, busca-se questionar as formas de atuação desse projeto e as visões críticas de estudiosos/pesquisadores sobre o modo de como a memória, história e identidade de determinado grupo étnico estão sendo correlacionados dentro desses tours, proporcionando a reprodução do sistema racista com aval do Estado. O trabalho é realizado sob a metodologia baseada em dados referenciais bibliográficos, qualitativos, de grau exploratório e descritivo.

Palavras-chave: identidade negra; território; tour da experiência; turismo afrocentrado.

“HAS JONGO, CAPOEIRA, CHARME AND SAMBA”: Boosting the Afro-centered experience tourism in Afro-identity territories in the city of Rio de Janeiro

Abstract

The present work discusses ways of valuing spaces of belonging and construction of identity discourses of the black community in the neighborhoods of Madureira and those that make up the Port Zone of the city of Rio de Janeiro. The text brings the social and power relations that followed the construction of the territories of this research, highlighting the presence of subjects and ethnic-racial groups, aiming to analyze the Brazilian historical-cultural and geographic elements that are incorporated

¹ IPPUR/UFRJ

in the elaboration and definition of itineraries ethnic tourists in the city, with a view to boosting Afro-centered tourism through the Experience Tourism program. Firstly, we seek to question the ways in which this project operates and the critical views of scholars/researchers on the way in which the memory, history and identity of a given ethnic group are being correlated within these tours, providing the reproduction of the racist system with support of State. The work is carried out using a methodology based on bibliographic, qualitative, exploratory and descriptive data. The paper must initially present an abstract with 150 to 250 words, in Portuguese, English and Spanish. Verdana font, size 11pt, justified, single spaced. The abstract must not be written in the first person and must contain the thematic focus, objective, method, results and conclusions of the work. Three to five keywords in Portuguese, Spanish and English must be indicated, separated by a semicolon (;) and starting with a capital letter.

Keywords: black identity; territory; experience tour; Afro-centric tourism.

“TIENE JONGO, CAPOEIRA, ENCANTO Y SAMBA”:

Impulso del turismo de experiencias afrocéntrico en territorios de identidad afro en la ciudad de Río de Janeiro.

Resumen

Este trabajo discute formas de valorar espacios de pertenencia y construcción de discursos identitarios de la comunidad negra en los barrios de Madureira y los que conforman la Zona Portuaria de la ciudad de Río de Janeiro. El texto trae las relaciones sociales y de poder que acompañaron la construcción de los territorios de esta investigación, destacando la presencia de sujetos y grupos étnico-raciales, con el objetivo de analizar los elementos histórico-culturales y geográficos brasileños que se incorporan en la elaboración y definición de Itinerarios turísticos étnicos en la ciudad, con miras a impulsar el turismo afrocéntrico a través del programa Turismo de Experiencias. En primer lugar, buscamos cuestionar las formas en que opera este proyecto y las opiniones críticas de académicos/investigadores sobre la forma en que la memoria, la historia y la identidad de un determinado grupo étnico se correlacionan dentro de estos recorridos, proporcionando la reproducción del racismo. sistema con apoyo del Estado. El trabajo se realiza utilizando una metodología basada en datos bibliográficos, cualitativos, exploratorios y descriptivos..

Palabras clave: identidad negra; territorio; recorrido de experiencia; Turismo afrocéntrico.

INTRODUÇÃO

Tava durumindo cangoma me chamou
Tava durumindo cangoma me chamou
Disse levante povo cativo já acabou!

Clementina de Jesus – Cangoma me
Chamou

Abro a roda para dar passagem aos nossos, festejando e proporcionando a troca de sabedorias e conhecimentos sob a luz dos nossos ancestrais, que nos acompanham e nos fazem resistir e lutar por nossos espaços, dando continuidade a exaltação de nossa identidade, reposicionamento e valorização de nossa cultura.

Sendo assim, este trabalho visa abordar sobre o turismo, o qual possui a relevância de enaltecer a valorização de culturas, tradições e ancestralidades, pontuando as construções e relações sociais que se inserem na formação de um território, que pode este ser considerado um destino turístico.

A atividade turística é uma prática de consumo que vem sendo bastante exercida como forma de lazer àquele que usufrui e que vem se expandindo desde a revolução industrial.

De acordo com De La Torre (1992), o turismo é considerado um fenômeno social praticado por qualquer indivíduo ou grupo de pessoas que tenham a intenção de se deslocar do seu local habitual (residência) para outro lugar, sem o interesse de permanência superior de um ano e sem interesses lucrativos, mas na busca pelo lazer, descanso e obter experiências únicas.

Após essa definição, busca-se com um propósito maior estabelecer e compreender que o fenômeno turístico é um importante canal promissor e relevante no incentivo ao encontro de culturas de diversos grupos, povos, etnias e raças, o que possibilita a produção cultural e o incentivo de novos nichos específicos no mercado de consumo do turismo. (ARAGÃO, 2015)

A atividade turística no Brasil vem ganhando dimensão desde a década de 70, e assim com sua constante evolução vem se adaptando em diversos segmentos, definidos pela Organização Mundial do Turismo (OMT) e reconhecidos pelo Ministério do Turismo (MTur).

De acordo com a OMT, dentro desses segmentos, que abrange cerca de mais de 60 especialidades, há o turismo de massa, turismo de sol e praia, ecoturismo, turismo de base comunitária, turismo cultural, turismo étnico, entre outros.

Mediante esses diversos segmentos que a atividade turística se faz presente, este trabalho visa realizar uma proposta de inserção de um roteiro afrocentrado para o projeto Tour da Experiência na cidade do Rio de Janeiro, especificamente no território de Madureira e da Zona Portuária – Pequena África.

Desta forma, buscar-se-á analisar, através do programa Tour da Experiência nas fazendas históricas em Vassouras, como a atividade turística está sendo promovida ao consumidor nos demais territórios do estado do Rio de Janeiro, por ter o objetivo de ofertar aos visitantes/turistas tours que engloba um tipo de experiência contada e explorada sobre o contexto histórico do período colonial brasileiro, como a experiência da escravidão e a formação da relações étnico-raciais que acontecem no espaço social.

O turismo de experiência praticado na cidade de Vassouras, localizada na região do Vale do Paraíba do estado do Rio de Janeiro, vem se articulando em tangência com a ramificação do turismo cultural, o turismo étnico, este podendo ser vislumbrado sob a lógica do turismo afrocentrado.

Ao mencionar a articulação da relação do turismo étnico ao turismo de experiência (este sendo o objeto desta pesquisa), é importante definir que o turismo étnico se caracteriza, segundo ARAGÃO (2015), como um segmento que possibilita a valorização da cultura de povos que foram inferiorizados (vulgo, oprimidos) ao longo do processo histórico, dando como exemplo os povos africanos, indígenas, etc.

Entretanto, o objetivo não é ressaltar como o turismo étnico se manifesta em sua totalidade, mas sim, analisar como o turismo de experiência, com o projeto Tour da Experiência, que é uma política pública de turismo do Projeto Economia da Experiência proporcionado pelo Ministério do Turismo (MTur) em conjunto com o Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - SEBRAE e o Instituto Marca Brasil (IMB), vem sendo inserido e praticado no estado do Rio de Janeiro, como acontece em Vassouras com a visitação em fazendas históricas e em estabelecimentos credenciados por este programa.

Será realizado primeiramente uma análise a respeito sobre a formação de três bairros na cidade do Rio de Janeiro, como Madureira, Gamboa e Saúde, remetendo a

parte portuária do território carioca. Em consequência destacando as relações sociais e de poder que sucederam em sua construção mediante os sujeitos e grupos étnico-raciais no território. Pois, considerando que a Zona Portuária possui teor relevante no período imperial histórico brasileiro, por ter sido umas das delimitações geográficas que receberam os negros traficados do continente africano que foram escravizados para trabalharem, o que se torna um território simbólico.

Assim, busca-se analisar como a atuação desse projeto vem despertando visões críticas de estudiosos/pesquisadores sobre o modo de como a memória, história e identidade de determinado grupo étnico estão sendo correlacionados dentro desses tours. E de qual forma, interligando as questões culturais, como crenças, costumes, tradições, religiões, etc., que foram sendo polarizadas a partir do tráfico dos negros vindo da África para a diáspora, segue como fenômeno de diluição de identidades na contemporaneidade (HALL, 2003).

A CONSTRUÇÃO DO TERRITÓRIO IDENTITÁRIO

Segundo Milton Santos (1991), o espaço deve ser analisado como um conjunto de elementos que o insere, sendo esses elementos definido como: os homens, o meio ecológico, as instituições, as firmas e as infraestruturas. A partir de desta premissa, compreende que esses elementos contribuem como o espaço se constrói e assim forma-se uma sociedade responsável pela construção e formação de um lugar.

Complementando a argumentativa do autor, o mesmo define que o espaço (dando "lugar" como sinônimo) é um sistema complexo e de estruturas, submetido, em sua evolução. Trazendo a ideia que o espaço está sempre em movimento, em constante evolução de acordo com suas construções sociais e os elementos que o insere.

Para Bourdie (1996), o espaço é pensado mediante sua compreensão social, definindo não como espaço geográfico e sim como metáfora, em razão das relações que acontecem e se criam entre sujeitos e indivíduos.

De acordo com Spampinato (2009, p. 68), "o lugar não é algo natural, ou seja, algo dado pela natureza, mas é algo construído, socialmente, culturalmente e economicamente". A mesma faz referência a Santos (1999), ao apontar que o que define um local/território como "Lugar" são as relações que lá existem.

Rolnik (1990), ao refletir sobre a questão espacial em seu escrito "História urbana: História na cidade?", analisou o espaço como uma marca e um desencadeador de relações sociais conforme aborda:

O espaço torna-se uma marca, uma expressão, uma assinatura que reflete as relações sociais, uma espécie de cartografia dessas relações. Contudo, o espaço não é um simples suporte passivo, em que se projeta a própria sociedade. Ele se manifesta mais como uma variável em si dessa projeção, sendo um instrumento político central que consolida e reproduz as estruturas desiguais de apropriação do solo urbano. A colocação em perspectiva histórica da leitura da organização do espaço pode contribuir para uma melhor compreensão das lógicas que concorrem para a produção e para a transformação social, cultural, econômica e política da cidade (ROLNIK, 1990 apud GONÇALVES, p. 29, 2013).

Segundo Chelotti (2010) baseado nos estudos de Milton Santos, compreende que o espaço geográfico é delimitado de acordo com as apropriações e utilizações realizadas pelo homem, assim proporcionando a construção de relações sociais, raciais e relações de poder que compõe na formação do território.

Os espaços diferem de acordo com suas características materiais e imateriais, ou seja, os seus recursos biofísicos e humanos, relações sociais, modos de produção e a sua cultura. A partir de relações específicas com homem versus meio, as sociedades historicamente construíram identidades territoriais próprias, com seus signos, símbolos e pertencimentos. (CHELOTTI, 2010, p. 173)

Em relação ao conceito de território, Ratzel (1990) acredita que é um local de poder, pela formação e reprodução de uma sociedade como também na atuação do Estado. Pois segundo o autor, "organismos que fazem parte da tribo, da comuna, da família, só podem ser concebidos junto a seu território" (RATZEL, 1990, p. 74), como também, "do mesmo modo, com o crescimento em amplitude do Estado, não aumentou apenas a cifra dos metros quadrados, mas, além disso, a sua força, a sua riqueza, a sua potência" (RATZEL, 1990, p. 80).

Para Raffestin (1993):

É essencial compreender bem que o espaço é anterior ao território. O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço,

concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator "territorializa" o espaço (RAFFESTIN, 1993, p. 50)

O autor conclui que o território é considerado uma "prisão original", o qual ele define que é um local onde são traçadas projeções, informações e relações de poder que os homens constroem em si.

Haesbaert (2007) complementa em seus estudos esta ideia ao dizer que o território pode ser compreendido de duas formas, sendo elas de modo material e simbólico. O autor enfatiza ainda que o território está imerso ao "poder", ressaltando que não é apenas o tradicional "poder político", mas sim quanto no sentido mais implícito ou simbólico de apropriação.

Podemos então afirmar que o território, imerso em relações de dominação e/ou de apropriação sociedade-espço, "desdobra-se ao longo de um continuum que vai da dominação político-econômica mais 'concreta' e 'funcional' à apropriação mais subjetiva e/ou 'cultural-simbólica'" (HAESBAERT, 2004 a:95-96 apud HAESBAERT, 2007, p. 21)

Ainda Haesbaert (2007) ao trabalhar um território é preciso compreender as múltiplas manifestações, que são as multiplicidades de poderes existentes, como os de luta hegemônica quanto das lutas de resistências, dos indivíduos ou grupos sociais/culturais que ajudam na formação do território.

O autor articula que o território pode ser trabalhado sob duas óticas que são os territórios de "dominância funcional" e os de "dominância simbólica". Sendo o primeiro, Haesbaert define que deve ser analisado a partir dos processos de dominação de cunho valorativo, ou seja, através da ideia de valor de troca, com aspectos políticos e econômicos. Já a segunda perspectiva, com teor identitário, simbólico e de pertencimento de "lugar".

Segundo Sodré (2002), o uso do termo território tem o sentido de expressar o lugar marcado de um grupo que desenvolve uma cultura sob constante movimentac o e um relacionamento com o meio, constituindo assim num sentido identitário:0

A ideia de território coloca de fato a questão da identidade, por referir se a demarca o de um espaço na diferença com outros. Conhecer a exclusividade ou a pertinência das a es relativas a um determinado grupo implica também localizá-lo territorialmente (SODRÉ, 2002, p. 23).

Para melhor definição do território, de forma mais direta, Sodré traz a ideia que devemos entendê-lo como uma relação entre o espaço e o tempo em constante movimento, associando o exemplo da senzala como uma estrutura física passível de uma reinvenção de outro território, diferente do continente de origem dos escravizados, isto significa dizer que mesmo sendo signo da escravidão, é entendido como lugar de sociabilidade e cultura.

Santana Jr (2017) afirma que a família negra começa a ser formada na diáspora brasileira dentro das senzalas, em meio ao regime escravocrata, como forma de existir dentro de um regime que coisificavam e desumanizavam esses indivíduos. Considerando então a senzala como “embrião” de relações que formariam a identidade negra, uma vez que:

No convívio da senzala e dos grupos de trabalho da cidade, a partir do reconhecimento de semelhanças linguísticas e comportamentais e da identificação de lugares de procedências comuns ou próximos, novos grupos mais amplos foram ganhando uma autoconsciência coletiva. Esse reconhecimento da semelhança com certos indivíduos era forçado pelo reconhecimento de diferenças com os outros (PARÉS, 2007, p.76 apud SANTANA JR., 2017, p.24).

Pensar a senzala, espaço no qual os negros dormiam juntos e logo cedo eram chamados para o trabalho, como primeiro território de interação onde as nações, rivais ou não, deram continuidade aos laços criados nas embarcações para a formação da família negra, nos ajuda a entender também como os territórios denominados de quilombo ou mocambo foram espaços de resistência ao sistema opressor da classe dominante e lugar de cultura afro-brasileira.

Desta forma, busca-se trabalhar o território conforme a ideia de “reposicionamento de indivíduos e grupos negros” na sociedade como forma de valorização das formas culturais apagadas, a exemplo do samba, o charme e o jongo, assim como as relações raciais e sociais construídas na luta antirracista, contextualizados sob os apontamentos de Sodré (1998).

Portanto, será atribuída a importância de entendermos como a história e memória de um grupo étnico reflete no território, como sentimento de pertencimento

e sensibilização na formação de uma identidade, como é o caso da comunidade negra nos Bairros de Madureira e da Zona Portuária do Rio de Janeiro.

RETERRITORILIZAÇÃO E A IDENTIDADE NEGRA: PENSANDO OS CONCEITOS NOS BAIRROS DE MADUREIRA E NA ZONA PORTUÁRIA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Para Mariosa (2016), desde o processo de colonização, iniciando em África, o negro vem perdendo seu território sob a ótica cultural, espacial e geográfica. Depois da diáspora, a comunidade negra no Brasil busca se reposicionar territorialmente na construção de espaços de referência, dito como identitários e de pertencimento. Como exemplo, os territórios trabalhados nesta pesquisa.

Segundo Campos (2009) esse movimento de desterritorialização e reterritorialização, oriundos do deslocamento dos territórios negros tradicionais, retoma o movimento diaspórico, no qual o negro perde seus referenciais no espaço, devido ao processo de escravização, tendo então que construir novas ressignificações e adaptações em um novo território contrário ao de origem, caracterizando assim uma diáspora loca. (CAMPOS, 2009, p. 4)

[...] a diáspora é um conceito que ativamente perturba a mecânica cultural e histórica do pertencimento. Uma vez que a simples sequência dos laços explicativos entre lugar, posição e consciência é rompida, o poder fundamental do território para determinar a identidade pode também ser rompido (GILROY, 2001, p.18).

Sodré (1998) analisa esse reposicionamento no território como um espaço-lugar de síntese de forças, entre crenças, tradições, elementos culturais, sociais etc., que em potências de sujeitos se reterritorializam na sociedade contemporânea.

Ao analisar esse reposicionamento da comunidade negra nos territórios, pensa-se sobre os conflitos geográficos que favorecem esse movimento, como a presença das diferenças sociais, que tem relação direta com a construção e a forma como se estruturam as hierarquias sociais, pensando as relações raciais sob o conceito da colonialidade do poder. (SANTOS, 2018, p. 370)

Quijano (2010) conceitua essa colonialidade do poder como a abertura das relações raciais na ruptura das classes sociais, sob a categoria produzida pela classificação social. Como refere-se a colonialidade aos espaços de poder:

o poder é o espaço e uma malha de relações sociais de exploração/dominação/conflito articuladas, basicamente, em função e em torno da disputa pelo controlo dos seguintes meios de existência social: 1) o trabalho e os seus produtos; 2) dependente do anterior, a 'natureza' e os seus recursos de produção; 3) o sexo, os seus produtos e a reprodução da espécie; 4) a subjectividade e os seus produtos, materiais e intersubjectivos, incluindo o conhecimento; 5) a autoridade e os seus instrumentos, de coerção em particular, para assegurar a reprodução desse padrão de relações sociais e regular as suas mudanças. (QUIJANO, 2010, p. 76)

Os princípios da classificação decorrem dos objetos e suas dimensões fenotípicas e genotípicas. Nas pesquisas de Osório (2003) e Pretucelli (1998) os processos de produção de diferenças são elementos importantes na construção das relações raciais, como a auto identificação. Essas classificações podem variar de acordo com cada sociedade, território, espaço, lugar, tradições, etc. E como afirma Santos (2018, p.380) outra importante grafagem espacial das relações raciais é o estabelecimento de um padrão racializado de segregação socioespacial nas cidades brasileiras.

Esses processos de classificação impactam no planejamento urbano de um território, podendo contribuir para um planejamento desigual e racista, mesmo com viés mascarado de um governo majoritariamente "democrático", como os processos de branqueamento dos territórios sob intervenção do Estado, utilizando do conceito da etnicidade na teoria de planejamento, com discursos baseados na "diferença" e "multiculturalismo" (YIFTACHEL, 2006).

Ser um regime que promove os objetivos de um grupo étnico dominante enquanto usa uma retórica rude de governo majoritariamente "democrático". (YIFTACHEL, 2006, p. 217 - traduzido)

De acordo com Cardoso (2011), o termo branquitude se refere à uma identidade racial branca onde dispõe de privilégios podendo significar "ser poder" e

“estar no poder”. O autor ainda relata que esses privilégios são “símbolos, subjetivos e materiais palpáveis que colaboram para reprodução do preconceito racial, discriminação racial ‘injusta’ e do racismo.” (CARDOSO, 2011, p.81)

Telles (2003) traz essa análise de desigualdade espacial (segregação) sobre as relações raciais e desigualdade racial nos territórios, dando como exemplo o apartheid nos EUA.

Telles (2003) diz que essa desigualdade espacial é uma consequência do racismo, que em virtude se propagou em razão do comportamento do mercado imobiliário no século 20, dando abertura à novas políticas públicas, como de financiamento de habitação, entre outras de caráter social, caracterizando como políticas universalistas, vistas como “Color Blind”. Como exemplo dessa segregação residencial, pode-se associar a este trabalho com o território do Quilombo da Pedra do Sal, na zona portuária do Rio de Janeiro, através da revitalização urbana com o chamado Porto Maravilha.

Este território, sob a ótica do processo de reafricanização identitária dos negros brasileiros está diretamente relacionado a questão da desigualdade racial de espaço geográfico e social. Mediante a uma breve contextualização histórica, no período pós-abolição, os escravizados organizaram-se nas regiões periféricas das cidades, criando nesses territórios dinâmicas internas próprias, mesmo com uma descaracterização espacial de origem, mas com referenciais negras. Com o avanço imobiliário, esses territórios foram sendo invisibilizados, ficando à margem das políticas de valorização e patrimonialização cultural local. (CAMPOS, 2009)

Assim aborda Santos (2018, p. 371), ao afirmar que o racismo é um sistema multidimensional de classificação social. Tendo suas nuances de praticidade no território brasileiro baseada nos traços fenotípicos (cabelo, nariz, boca, cor da pele, entre outros oriundos da raça negra) operados pelas regras de dominação social.

E o autor (2018) complementa ao dizer sobre esses processos do racismo no planejamento territorial:

(...) processos de “branqueamento do território” inerentes a políticas que enunciam objetivos como “revitalização” e “renovação” urbana, mas que são denunciadas como causadoras do fenômeno da “gentrificação” – a mudança da composição social de uma área, substituindo populações pobres por outras de renda superior.(SANTOS, 2018, p. 380)

E para entender como o racismo se estabelece nos territórios, Andreilino Campos (2006) salienta que:

A relação entre tempo e o espaço pertence ao sistema simbólico, levado a efeito pelas práticas sociais oriundas das afinidades inter e intragrupos que são postas de maneira hierárquica em quase todas as partes do mundo e em quase todos os tempos. No Brasil, de certa maneira, a sociedade produziu a "invisibilidade" dos afrodescendentes, delineados a partir dos elementos étnico-raciais do negro e do pardo. (CAMPOS, 2006, p.56)

Assim, o termo raça foi se perpetuando como destaque a partir do século XX, onde surgiram estudos que buscaram argumentar, compreender e explicar à sociedade de que as diferenças entre os indivíduos eram biologicamente intransponíveis, assim como as questões étnico-raciais brasileira. (CAMPOS, 2006, p.49)

Segundo Guimarães (2012, p.50) o conceito de raça é entendido de acordo com o mundo social, pois biologicamente o termo "raça" não exprime real significância. Analisar o termo raça no modo social permite identificarmos grupos sociais conforme as desigualdades, discriminações e hierarquias atribuídas à cor, assim possibilitando refletir quem está no grupo dos oprimidos.

Quando o autor discute raça, ele apresenta algumas discussões antirracistas que leva há 4 posicionamentos que são os antiracismo dos movimentos sociais e da cultura; antirracismo pragmático; antirracismo contrário à ideia de raça; e o antirracismo que analisa a raça. Esses posicionamentos fazem refletir quais as formas de racismo impregnado no território brasileiro e como "raça" está definida como um tropo do discurso. Sendo esses "tropos" (os discursos antirracistas) relacionados o processo histórico e de exclusão social que os negros eram submetidos no Brasil.

De acordo com Hall (2003):

(...) raça é uma construção política e social. É a categoria discursiva em torno da qual se organiza um sistema de poder socioeconômico, de exploração e exclusão - ou seja - o racismo. Todavia, como prática discursiva, o racismo possui uma lógica própria. Tenta justificar as diferenças sociais e culturais que legitimam a exclusão racial em termos de distinções genéticas e biológicas, isto é, na natureza (HALL, 2003, p.69)

No Brasil, o discurso racial é importante para entendermos como ocorreram as construções de identidades étnico-raciais e o contexto das relações de poder e simbologia que ainda predominam nos territórios. Conforme aborda Paixão (2008), é necessário entender as relações raciais no Brasil a partir da revisão de traços históricos, como dos negros que foram transportados como mercadorias do continente africano para a diáspora brasileira, para então poder compreender a construção da estratificação sócio-racial e as condições de existência entre negros, brancos e indígenas.

A figura do negro, no decorrer da transição da sociedade moderna e com as diversas teorias sobre as relações raciais brasileira, como a questão da mestiçagem (um discurso bastante utilizado para dar margem aos critérios de privilégio e soar anti racista enraizada pela linha de estudos Freyriana relacionado à um “povo mestiço” - como a figura do mulato e a junção das três raças (branco, negro e índio), cai num sistema lucrativo, estereotipado, embranquecido e lucrativo seguindo o contexto das classes dominante. Atuando assim de forma naturalizada devido ao forte discurso da suposta democracia racial que prevalece na sociedade brasileira.

Do ponto de vista das práticas sociais, transformar os afrodescendentes em seres socialmente inferiores é uma condição básica da submissão presente desde o Brasil colônia, como os registros encontrados na literatura. Mesmo com os registros encontrados na literatura. Mesmo superada a escravidão, eles não foram reconhecidos como iguais, apesar de as leis dizerem o contrário em quase todas as áreas da vida social. Os afrodescendentes no imaginário instituído, certamente, ainda são reconhecidos como inferiores apesar de não mais considerados escravos. Então, de “desalmado” a “invisível”, houve apenas uma troca de sentido para tratar o mesmo grupo social, o que cria uma sinergia negativa entre pretos e pardos diante da totalidade da sociedade, pois, do ponto de vista ideológico, eles tentam transformar-se no outro, ou seja, em brancos, nos diferentes contextos sociais. (CAMPOS, 2006, p.100)

Mediante a isto, a memória afro-brasileira no Brasil toma proporções, muitas vezes, desconexas com as lutas por resistência, no período colonial pela forma como é contada e reproduzida por produtos do mercado de consumo, no sistema capitalista, como o tour oferecido nas fazendas históricas do município de Vassouras.

Então, através da iniciativa do SEBRAE, IMB e o MTUR na implantação do Projeto Tour da Experiência na cidade do Rio de Janeiro, tendo como missão proporcionar ao visitante um sentimento de revivência de um passado histórico como a valorização da cultura negra, analisa-se que tipo de produto está sendo proporcionado.

Assim em contraste, na luta antirracista, espaços de valorização da negritude, como os bairros de Madureira e da Pequena África, são territorialidades e espaços políticos, podendo contribuir para um turismo local afrocentrado, mostrando a geografia desse espaço com as corporeidades dos frequentadores e traços culturais da comunidade negra ali [re]existente. (SANTOS, 2018, p.377)

Nesta perspectiva de atrelar as compreensões do que se define como memória e identidade, busca-se inserir-las dentro do território juntamente com a discussão sobre o que compreender a respeito de raça e etnias, principalmente na cidade do Rio de Janeiro, nos bairros como Madureira, referência para a comunidade negra como sendo território de valorização da cultura afro-brasileira na cidade atualmente, como também os bairros que compreende a Zona Portuária, denominado também como o território da Pequena África, como lugar de pertencimento e memória à comunidade negra, em destaque o quilombo urbano reconhecido como Quilombo da Pedra do Sal.

A zona portuária da cidade do Rio de Janeiro, com a presença da região da Pequena África que engloba os bairros Gamboa, Saúde, Santo Cristo, são territórios que compõem patrimônios materiais e imateriais nacionais que representam o símbolo de memória período imperial brasileiro, como o Cais do Valongo que recebeu o título de Patrimônio Mundial da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), o cais é um sítio arqueológico fica na zona portuária do Rio de Janeiro e foi descoberto em 2011, durante escavações das obras do Porto Maravilha. Local este que foi uma das principais rotas de desembarque dos negros vindos da África que foram escravizados e inferiorizados pela cor da pele, costumes, crenças, etnias e outros aspectos que não eram aceitos devido ao padrão ocidental e europeu da época.

A Pequena África e o bairro de Madureira, que estão sendo o objeto de estudo desta pesquisa, possui em seu território aspectos históricos, culturais e tradicionais da comunidade afro-brasileira. Dentro desse território podemos destacar elementos que tornaram-se atrativos turísticos como a Pedra do Sal, no bairro Saúde na zona

portuária do Rio, com o samba que acontecem às segundas e sextas-feiras, o largo da prainha, a casa da Tia Ciata, o Instituto dos Pretos Novos, entre outros, e o Bairro de Madureira, com o Casa do Jongo da Serrinha, espaço este reconhecido por resistir e fomentar a cultura e herança dos negros escravizados através da corporalidade e movimento, a construção do Parque de Madureira, o Viaduto que é símbolo representativo do estilo musical Charme, as rodas de samba que deram visibilidade à grandes poetas e compositores do estilo musical, atualmente e nas décadas passadas, são elementos que poderiam ser inseridos dentro de uma visão do projeto Tour da Experiência como inserção na rota de empreendimentos com selo de comprometimento do projeto conforme o termo de adesão elaborado pelo SEBRAE e o IMB.

Segundo Gomes (2015) o selo de comprometimento elaborado pelo Projeto Tour da Experiência é um contrato que é encaminhado aos estabelecimentos como "termo de adesão", e como critérios para a inserção do estabelecimento nesta proposta o empreendedor deve adotar o conceito de Economia da Experiência e colocar em prática, além de participar de encontros, seminários e capacitações, pesquisar sobre a história e cultura local, como outras ações referentes que segue a "cartilha completo do Tour da Experiência. (GOMES, 2015, p.72)

A prática turística em Madureira não é uma rota turística oficialmente consolidada principalmente por projetos turísticos da Secretaria de turismo do Estado do Rio de Janeiro - Setur e TurisRio e como pelas agências de turismo locais. O bairro tem potencial principalmente pelo contexto histórico que o local se dispõe, como a presença de valores culturais e sociais.

Já a Zona Portuária, com a Pequena África, por mais que tenha ganhado o projeto político visionário conhecido como o "Circuito Pequena África" elaborado no Projeto Porto Maravilha, ainda não é devidamente impulsionado turisticamente sob a valorização cultural consciente da herança africana e afro-brasileira que a cidade representa com base na lei 10.639/2004 que dispõe.

Segundo o Ministério do Turismo (2014) uma região é caracterizada turística quando:

O espaço geográfico que apresenta características e potencialidades similares e complementares, capazes de serem

articuladas e que definem um território, delimitado para fins de planejamento e gestão. (MTUR, 2004, p. 65)

Assim, na constituição deste espaço simbólico, novos aspectos identitários foram construídos, desencadeando uma vivência com referenciais étnicos. Desta maneira, a sociabilidade negra que acontecia em espaços geográficos passa a acontecer a partir dos discursos identitários, integrando-se de maneira mais efetiva nos diálogos diaspóricos que recombinaam elementos da africanidade [ser] com aspectos da brasilidade [dever]. Nessa convivência entre a tradição e moderno, surge a identidade afro-brasileira. (CAMPOS, 2009)

Campos (2009) ainda complementa ao dizer que o processo de territorialidade e pertencimento dos negros no Brasil está ligado à modernização do país, o que impactou na construção das relações simbólicas e sociais existentes e que foram se deteriorando, e em consequência, com a desterritorialização desses grupos, provocou demandas por novos elementos de identificação. Desta forma, constituiu-se um território simbólico discursivo, criado a partir de elementos do local oriundo da comunidade negra e filosofias ancestrais.

PARA NÃO CONCLUIR

Acredito que realizar um estudo sobre o projeto Tour da Experiência na cidade do Rio de Janeiro, no estado do Rio de Janeiro, e sua influência na questão racial, poderá contribuir para ressaltar os devidos impasses como a espetacularização e invisibilidade da memória e identidade do negro na cidade, que promove em concomitância o incentivo a uma prática racista, através do tipo de atividade turística que abrange a valorização da cultura e costumes da nobreza no território. Sendo este projeto uma política pública de turismo financiada em parceria com atores públicos e privados.

O teor da problemática servirá de cunho científico e acadêmico com intuito de contribuir com novos pesquisadores que buscam incentivar e acrescentar um discurso da militância de questões que permeiam ao povo negro na sociedade brasileira, através de embasamentos teóricos construtivos, aprofundados e reflexivos ao tema. Como também podendo auxiliar no suporte aos órgãos públicos (que agem também

em parcerias com órgãos privados) nas decisões de gestão e planejamento de políticas públicas de turismo num território, no intuito de analisar de que maneira essas políticas possam ser mobilizadas socioculturalmente, sensibilizando sobre a identidade e memória afro-brasileira à comunidade local a qual se insere.

A ação da política pública de turismo - o projeto Tour da Experiência, que foi estabelecida em âmbito federal e posteriormente designada a atuar em âmbito regional, vem se articulando em algumas cidades do estado do Rio de Janeiro, como na própria região metropolitana, no centro mais especificamente. E que diante dos estabelecimentos credenciados e certificados pelo programa como práticas reforçam o sistema de submissão e opressão do negro no passado colonial, como suas culturas.

Consequentemente promovendo, através de produtos construídos para uma experiência única para consumo ao turista/visitante, formas de incentivo às desigualdades raciais, espaciais e invisibilidade da cultura afro-brasileira do território, por valer-se da figura do negro apenas como subserviente e realçando apenas os costumes e privilégios das elites da época do Brasil colonial.

Portanto, questões são pensadas como vem se moldando a elaboração da política pública de turismo, o projeto Tour da Experiência, em relação ao contexto étnico-racial do negro nos tours de experiência na cidade do Rio de Janeiro? A mesma política pública proporciona a promoção da segregação racial, desigualdade e racismo? Essa política poderia atuar como meio de sensibilização das questões sobre a memória e identidade afro-brasileira do território à comunidade local e aos turistas que visitam?

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, I. R. Turismo étnico e cultural: a coroação da rainha das taieiras como atrativo turístico potencial em Laranjeiras-Sergipe-Brasil. Caderno Virtual de Turismo, v. 15, n. 2, p.195-210, ago. 2015.

BENI, Mario Carlos. Turismo: da economia de serviços à economia da experiência - In: Turismo da economia, vol. 6 - n.3 - set./dez. 2004.

BHABHA, Homi Kharshedji. O local da cultura. UFMG: Belo Horizonte, 2005

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. Cap. 1, 2 e 5.

BONNEMAISON, Joel. Viagem em torno do território. In: CORREA, R.L.; ROSENDHAL, Z. (Org.). Geografia cultural: um século. EDUERJ, v.3, Rio de Janeiro, 2002.

CAMPOS, Deivison. A construção do território simbólico afro-brasileiro: a legitimação do discurso de pertencimento do Grupo Palmares pela imprensa. Intercom - XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Curitiba, PR, 2009.

CANCLINI, Néstor García. Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

CARDOSO, Lourenço. O branco-objeto: O movimento negro situando a branquitude - R. Est. Pesq. Educ. Juiz de Fora, v. 13, n. 1, jan./jun. 2011. Imagem Divisão Territorial.

CHELOTTI, Marcelo Cervo. Reterritorialização e Identidade Territorial. In: Sociedade & Natureza, Uberlândia, 22 (1): 165-180, abr. 2010.

FERREIRA, Álvaro. O projeto de revitalização da zona portuária do Rio De Janeiro: os atores sociais e produção do espaço urbano. Revista Electrónica De Geografía Y Ciencias Sociales, 2010.

FERREIRA, Ângela Duarte Damasceno. Processos e sentidos sociais do rural na contemporaneidade: indagações sobre algumas especificidades brasileiras. Estudos Sociedade e Agricultura, vol 18, p. 28-46, 2002.

GIANNELLA, Letícia de Carvalho. A produção histórica do espaço portuário da cidade do Rio de Janeiro e o projeto Porto Maravilha. Revista brasileira de geografia econômica - Espaço e Economia, n. 3, 2013.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GODINHO, Márcia Grespan. Proposta de Lançamento no Mercado Produto Economia da Experiência. Instituto Marca Brasil (2009). Disponível em: <http://www.marcabrasil.org>. "<http://www.marcabrasil.org.br/site-novo/institucional/>"br/site-novo/institucional/> Acesso em: 14 de fev 2018.

GILROY, Paul. O Atlântico negro. São Paulo: Editora 34, 2001.

GOMES, Pâmela Ketulin Mattos. Que experiências é essa?: O Projeto Tour da Experiência em Vassouras-RJ. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Territorial e Políticas Públicas) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2016.

GOMES, Pâmela Ketulin Mattos; MENDONÇA, Teresa Cristina de Miranda. O tour da experiência caminhos do Brasil Imperial em Vassouras (RJ). Qual história está sendo contada?. Revista Mosaico, 2017. Disponível em: <<http://editorauss.uss.br/index.php/RM/article/viewFile/615/pdf>>. Acesso em: 09 de jun 2017

GONÇALVES, R. S.: Favelas do Rio de Janeiro: história e direito. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.

GUIMARAES, Antonio Sérgio Alfredo. *Classes, Raças e Democracia*. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, 2002.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HALL, Stuart. *Raça, Cultura e Comunicações: olhando para trás e para frente dos estudos culturais*. In: Storey, J. (ed.) *Whats is cultural studies?*, London, Amold, 1996, 336-342.

HAESBAERT, Rogério. *Da Desterritorialização à Multiterritorialidade*. In: *Anais do X ENANPUR*, São Paulo: 2005.

MARIOSIA, Gilmara Santos. *Memórias sociais e a construção da identidade em territórios negros*. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 22, n. 1, p. 145-163, abr. 2016.

MARTINS, Renato Domingues Fialho. *O projeto Porto Maravilha e o rent gap de Neil Smith*. In: *Rev. Bras. Estud. Urbanos Reg.*, v.17, n.3, p.195-214, 2015.

Ministério Do Turismo (Brasil); Sebrae; Imb; Shrbs. *Manual Tour Da Experiência (2010): adesão*. Disponível em: <https://m.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/PE/Anexos/turismo_de_ex_perie_ncia.pdf> Acesso em: 27 de agost 2017

OLIVEIRA, Luana da Silva. *Patrimônio Cultural E Segunda Escravidão: História E Memória Do Vale Do Café*. In: *XXVIII Simpósio Nacional de História*, Florianopolis, 2015.

OSÓRIO, Rafael Guerreiro. *O sistema classificatório de "cor ou raça" do IBGE*. Rio de Janeiro: IBGE, 2003.

PERICO, Rafael Echeverri. *Identidades e Territórios no Brasil*. Brasília, 2009.

PETRUCCELLI, José Luiz. A cor denominada: Um estudo do suplemento da Pesquisa Mensal de Emprego de julho de 1998. Rio de Janeiro: IBGE, 2000. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv7099.pdf>. Acesso em: agosto de 2022

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.). Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTANA JUNIOR, Humberto Manoel de. "O Lúdico Dá o Prazer": família negra, os valores civilizatórios e a festa como aprendizado. Dissertação (Mestrado em Relações Étnico-Raciais) - Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Rio de Janeiro, 2017.

SANTOS, Renato Emerson dos. Uma leitura sobre espacialidades das relações raciais: raça, racialidade e racismo no espaço urbano. In: OLIVEIRA, Fabrício Leal de & LIMA JR, Pedro Novais de. (Org.). Território e planejamento: perspectivas transdisciplinares. 1ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2018, v. 1, p. 345-366.

SERVIÇO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS - SEBRAE. Projeto Economia da Experiência: Continuidade e abrangência de novos destinos. Petrópolis, RJ, 2016.

SILVA, Fabiana dos Santos; COSTA, Sarany Rodrigues da; CARVALHO, Conceição de Maria Belfort de. Políticas Públicas de Turismo no Brasil: estratégias para administração da atividade no país. In: X Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia – SEGeT, 2013.

SODRÉ, Muniz. O terreiro e a cidade: A forma social negro-brasileira. Petrópolis: Vozes, 1988. Introdução, Capítulo 1 "Espaço e modernidade" e Capítulo 2 "Lógica do lugar próprio".

TELLES, Edward. Segregação residencial. In: Racismo à Brasileira: uma nova perspectiva sociológica. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

YIFTACHEL, O. Re-engaging planning theory? Towards south-eastern perspectives, Planning Theory. SAGE Publications, 2006, pp. 211-22.